



Objeto: Reunião da Internacional Socialista.

Requisitante: Dep. André Figueiredo

Data: 7/7/22

[Saudação inicial aos presentes]

Gostaria de agradecer a oportunidade de expressar uma perspectiva a partir do Brasil para esses relevantes assuntos sobre os quais discutimos nessa reunião. Acredito que ampliar o horizonte de nossas interpretações sobre os problemas que enfrentamos nos ajudará a construir soluções complementares a problemas que são comuns a todos nós, mas em cada uma de nossas nações se manifesta de modo único.

A Europa, agora, lida com uma guerra. Uma situação que muitos gostavam de considerar superada neste continente, mas que de tempos em tempos volta a assombrar os analistas políticos. Preciso dizer que, com exceção de nossa pontual participação na II Guerra Mundial e de algumas missões de paz da ONU, o Brasil não se envolve diretamente em uma guerra há 150 anos. Nós temos uma tradição de buscar a solução pacífica e pactuada de conflitos. Talvez, portanto, não possamos falar muito sobre a guerra, mas acredito que podemos falar sobre a paz.

Nossa experiência histórica demonstra que sem uma firme autocontenção e respeito por espaços abertos à multiplicidade não pode haver paz. Immanuel Kant, em sua “Paz Perpétua”, ampara sua reflexão e sua proposta para a construção de um mundo pacífico sobre a noção de respeito ao Direito e à diversidade. Quando o



filósofo alemão defendeu, para além de um direito internacional, um “direito cosmopolita” e a garantia de uma “hospitalidade universal”, ele claramente aponta que o caminho para a paz se sustenta na adesão a um sistema sem centros e, portanto, sem periferias. Nesse sentido, a presença de uma nação que busque a primazia naturalmente gerará atritos que não poderão ser resolvidos sem o recurso às armas.

É claro que sempre haverá alguma Nação que, por suas condições geográficas e pela engenhosidade de seus cidadãos, irá se destacar em alguns campos, seja econômico, artístico ou filosófico. Essa Nação desempenhará, naturalmente, um papel relevante no mundo. Mas tão natural quanto sua existência, será a ascensão de outras nações nesses mesmos campos com o passar dos tempos. Daí a necessidade de autocontenção. Sem ela, a tendência é buscar o conflito como uma forma não apenas de se manter relevante, mas reduzir a relevância das outras.

Para que não sejamos ingênuos, precisamos entender que essa autocontenção pode ser conseguida, basicamente, por dois meios. De um lado, como propôs Kant, por uma adesão voluntária a uma moralidade cosmopolita. Infelizmente, esse caminho me parece cada vez mais uma idealização pouco confiável e sem amparo na realidade.

Por outro lado, como Marx nos ensinou, não é a idealização que muda o mundo, mas nossas ações concretas. Por isso nos reunimos nesta histórica Internacional Socialista, para que possamos inspirar as ações de nossos partidos ao redor do mundo. No Brasil,



é ao PDT que cabe levar as reflexões aqui elaboradas e que ajudarão a organizar nossas ações.

Apenas com a percepção de que as perdas com o conflito serão maiores e mais duradouras que eventuais ganhos é que as nações irão aderir a um sistema verdadeiramente cosmopolita. Por isso, a autocontenção se constrói a partir da ação dos outros agentes políticos no sistema, pois esses outros agentes é que devem deixar claro que não aceitaram imposições.

É aqui que nossos problemas se encontram. A ONU e outros órgãos multilaterais estão falhando em deixar isso claro. Estão falhando em efetivamente conter pretensões supremacistas dos antigos centros hegemônicos, que se apegam a realidades políticas e econômicas que não existem mais e, por isso, buscam manter o passado por meio de armas e de guerras feitas por procuração. Nesse sentido, e a partir da periferia do mundo, só posso considerar que a paz só será alcançada quando conseguirmos fazer funcionar mecanismos multipolares de regulação das relações internacionais.

Obrigado.